

Discurso da ministra no BID deve mencionar pressão para o acordo

por Claudia Safatle
de Brasília

A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, mencionará, em discurso durante a assembléia anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em Nagoya (Japão), as pressões que os governos dos países industrializados estão fazendo para que o governo brasileiro acelere um acordo com os bancos credores.

Na conversa que pretende ter com o presidente do BID, Enrique Iglesias, durante a reunião do banco que começa dia 5 próximo, a ministra da Economia também falará sobre a atitude do BID, que sob recomendação do governo norte-americano suspendeu a aprovação de um empréstimo de US\$ 350 milhões para o País, como instrumento político de pressão para que o governo brasileiro aceite fechar um acordo sobre o pagamento dos juros atrasados de US\$ 8 bilhões aos bancos privados, credores do País.

O cerco montado pelo Grupo dos Sete (os sete governos dos países industrializados) junto aos organismos internacionais, para induzir o governo brasileiro a concluir o acordo externo dos atrasados, foi sem precedentes na histó-



Maria Silvia Marques

ria da renegociação da dívida externa. Isso, entretanto, não deverá levar o embaixador Jório Dauster, negociador oficial da dívida externa, a flexibilizar a proposta brasileira além dos limites já colocados à mesa de negociação. Dauster está em Nova York desde 6 de fevereiro, conversando com o comitê de bancos credores sobre os juros atrasados. Cedeu em pontos importantes, mas até agora não chegou a um consenso sobre a estrutura dos bônus que serão emitidos para pagar 75% dos atrasados, seja na escala das amortizações, seja no prazo de carência ou na taxa de juros.

"Nós estamos jogando

limpo. Estamos pagando o correspondente a 30% dos juros que vencem a cada trimestre, porque está dentro do nosso limite de capacidade de pagamento. Vamos liberar a compulsoriedade das linhas de curto prazo, que passam a ser voluntárias a partir de 30 de abril. Estamos sendo coerentes com o diagnóstico que fizemos, tanto assim que abrimos os pagamentos do setor privado." Disse a este jornal a coordenadora da área externa do Ministério da Economia, Maria Silvia Bastos Marques, que participou da construção da proposta brasileira e de várias missões negociadoras junto ao comitê de bancos.

Para ela, que tem mantido contatos quase diários com Dauster, a atitude do BID, de bloquear financiamentos ao Brasil, vai contra os interesses dos próprios credores. "Como não abrimos mão do conceito de capacidade de pagamento, e como a disponibilidade de recursos depende também dos empréstimos externos, quanto menos os organismos nos emprestarem, menos poderemos pagar aos credores."

JAPÃO

A ministra da Economia viajou para o Japão, com passagem por Lisboa e Paris, sem criar novas expec-

tativas de um acordo com os bancos. Foi aconselhada, pelo Itamaraty, a não pedir audiências com autoridades japonesas, porque ela não seria bem recebida. O próprio embaixador do Japão no Brasil, Harunori Kaya, esteve com a ministra na terça-feira passada e a indagou se ela pretendia agendar encontros com autoridades japonesas durante sua permanência em Nagoya, cidade próxima a Tóquio. Zélia Cardoso de Mello respondeu que não, que já havia sido orientada pelo Itamaraty, para evitar constrangimentos. O embaixador não prosseguiu o assunto.

Segundo assessores próximos à ministra da Economia, ela viajou convencida de que o governo brasileiro não pode mudar mais sua posição de negociação junto aos bancos credores, apesar de estar ciente, também, que "a ninguém interessaria um confronto".

"Nós estamos mostrando boa-fé e tentando recuperar credibilidade", ponderou Marques Bastos. "Só podemos assinar um acordo para cumpri-lo", reiterou, enfatizando o que o governo vem anunciando desde o início da negociação. Os bancos, porém, "estão interessados apenas no curto prazo", concluiu.